

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AVISOS DE TEMPESTADE – OS FILMES DE STUART HEISLER
5 e 24 de Fevereiro de 2026

THE NEGRO SOLDIER / 1944

Um filme de Stuart Heisler

Realização: Stuart Heisler / Argumento: Carlton Moss / Direcção de Fotografia: Paul Vogel / Direcção Artística: Haldane Douglas / Música: Albert Glasser, Calvin Jackson, Howard Jackson, Earl Robinson, Meredith Willson / Som: William Montague / Montagem: Jack Ogilvie / Com: Carlton Moss (o pastor), Bertha Woolford (a mãe), Norman Ford (o soldado), entre vários figurantes e personalidades em imagens de arquivo.

Produção: U.S. Department of War / Produtor: Frank Capra / Cópia digital (DCP), preto e branco, falado em inglês e legendado eletronicamente em português / Duração: 40 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Embora normalmente não seja incluído entre os sete títulos que compõem a série **Why We Fight**, coordenada por Frank Capra, **The Negro Soldier** vem exactamente do mesmo contexto, o esforço de propaganda conduzido pelo “department of war” do governo norte-americano mal se deu a entrada dos Estados Unidos na II Guerra, em Dezembro de 1941. Ficou com uma espécie de “extra” para essa série (aliás, assim como ainda vários outros filmes), e vale a pena dizer que tão bem sucedido que deu ainda origem a uma adenda/sequela, **The Negro Sailor**, produzido pela marinha, que não quis ficar atrás do exército.

A encomenda feita a Capra era neste caso bem específica, como específico era o público a que se destinava. Tratava-se de “falar” à população afro-americana, historicamente maltratada, e em grande parte ainda muito marginalizada, sobretudo nos estados segregados do Sul dos Estados Unidos. Esta população, tratada como estrangeira na sua própria terra, tendia naturalmente a não se identificar com as causas nacionais de um país que a hostilizava. O objectivo propagandístico da encomenda era contrariar isso, solidificar o sentimento de pertença nacional da população negra, convencê-la de que a II Guerra, e especialmente o combate contra o nazismo e o fascismo japonês, não era apenas uma questão do estado ou da maioria branca, mas um momento de crise civilizacional que tocava a todos (por isso se recitam passagens do *Mein Kampf* particularmente repulsivas na forma como se referem aos negros). Pretendia-se trabalhar a coesão da população americana em geral, evitar a abertura de brechas que pudessem ser aproveitadas pela propaganda ou pela agitação a soldo do inimigo, e pretendia-se seduzir os homens negros para o serviço no exército. Por tudo isto, **The Negro Soldier** tem a aparência (e um pouco da essência) de uma exposição didáctica cruzada com um acto de contrição – o acto de contrição que um país devia a um segmento significativo da sua população.

Inicialmente, Capra contratou Ben Hecht para escrever o argumento e William Wyler para realizar, dois nomes bem pesados na Hollywood da época. A produção arrastou-se

(entre a encomenda e a estreia do filme acabado passaram mais de dois anos), Hecht e Wyler partiram para outros projectos, e o núcleo de trabalho estabilizou entre Carlton Moss, que vinha do teatro do Harlem e se estreava na escrita para cinema, e esse valor seguro que eram as mãos e os olhos de Stuart Heisler. Rezam as crónicas que se entenderam às mil maravilhas e que o trabalho fluiu rapidamente a partir do momento em que encetaram a colaboração. Atesta-o, muito provavelmente, a participação de Moss como actor central: mais do que apenas escrever as palavras de **The Negro Soldier**, tornou-se a voz do filme, dando corpo ao pastor/ministro/padre (hesitamos sempre na palavra certa) que conduz a cerimónia eclesiástica que é o elemento nevrálgico da sua estrutura.

Através da exposição de Moss perante a sua congregação, opera-se uma coisa que talvez tivesse então algum ineditismo: uma espécie de história *inclusiva* dos Estados Unidos, associando figuras negras a vários momentos decisivos dela, desde logo o momento da Independência ou até antes disso. Faz-se, ainda, a crónica da participação dos “negro soldiers” nas guerras americanas – e um dos momentos mais dramáticos do filme (“dramático” até porque aí não se trata de imagens de arquivo mas de uma reconstituição) é aquele que mostra a destruição pelos nazis de um monumento que fora erigido em território francês depois da I Guerra e que prestava homenagem ao contributo dos soldados afro-americanos. A certa altura, pela personagem de uma mãe presente na assistência que toma a palavra, faz-se a “actualização” desta história: a senhora lê uma carta do filho, soldado, sobre a sua experiência no exército e na guerra.

O que é particularmente brilhante no filme é que a figura e as palavras do orador têm sempre um contracampo. Heisler vai filmando e entrecortando na montagem os rostos mudos dos espectadores, a quem compete (porventura mais do que ao orador) representar simbolicamente a população afro-americana. O silêncio deles, os rostos como puro reflector, depósito de não-ditos, sinaliza também a contrição americana, o não-dito subjacente ao filme inteiro: quando o orador descreve as ideias e os actos do nazismo contra os judeus, contra os negros, contra os “não-brancos” em geral, é impossível deixar de pensar que nos rostos dos presentes na assistência passa a sombra da própria história dos negros americanos no país da escravatura, dos linchamentos, da segregação em larga escala. O racismo violento como algo absolutamente integrante da história de uma comunidade. Em parte, a necessidade de **The Negro Soldier** passava por aqui: dizer, em nome da nação americana, que já não somos esse país, e que é para não voltarmos a ser esse país que o nazismo e o fascismo têm que ser derrotados. A subtilidade com que um discurso *culpado* atravessa o filme é possivelmente o maior cometimento da colaboração de Moss e Heisler.

Luís Miguel Oliveira